

» A obra de Mia Lecomte

Profa. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira

Editora

mitchell@centroin.com.br

Mia Lecomte, poetisa, pesquisadora e ensaísta italiana que esteve no Brasil em 2004, por ocasião do relançamento de *Ipotese*, de Murilo Mendes, é pouco conhecida do público brasileiro, muito embora sua obra seja alvo de intenso interesse do público europeu e norte-americano.

Como ensaísta e pesquisadora, Mia tem se dedicado à literatura de migração, dirigindo, inclusive, a série antológica "Cittadini della poesia", dedicada aos poetas imigrantes que escrevem em italiano.

Dentre as suas muitas obras, destacam-se: *Animali parlanti. Le parole degli animali nella letteratura del Cinquecento e del Seicento* (Firenze, 1995); os livros para crianças *La fiaba infinita* e *La fiaba impossibile* (Torino, 1987), *Tirititère* (Bergamo, 2001); o volume fotográfico *Luoghi poetici* (Firenze, 1996), em parceria com o fotógrafo Sebastian Cortés, de cujos textos é autora e organizadora; e as coletâneas poéticas *Poesie* (Napoli 1991), *Geometrie reversibili* (Salerno, 1996, Premio Città di Ostia 1997, Premio Internazionale E. Montale 1997), *Litania del perduto* (Prato 2002, com gravuras da artista canadese Erica Shuttleworth) e *Autobiografie non vissute* (S. Cesario di Lecce, 2004).

Além de publicar a sua poesia em inúmeras revistas literárias italianas e estrangeiras, como *Poesia*, *L'Area di Broca*, *Specchio* e *Le Voci della Luna*, Mia é redatora das revistas *Semicerchio*, *Pagine*, *Kùmà*, *El Ghibli* e *Sagarana*, além de desenvolver um laboratório de poesia no curso de mestrado promovido pela *Scuola de Scrittura Sagarana*, em Lucca.

Ninguém melhor do que Mia para falar de si mesma. Nada melhor do que a sua poesia para revelar ao público brasileiro a magia de sua obra poética. Deixo, portanto, que a própria autora se apresente. Os links a seguir remetem para textos da autora. O primeiro é uma apresentação especialmente escrita para esta revista. O segundo texto é o prefácio que ela escreveu para apresentar ao público norte-americano a antologia organizada com Luigi Bonaffini, *A Bilingual Anthology of Italian Migrant Poetry*, que é, de fato, extremamente esclarecedora para os que começam a se aventurar pela literatura de migração. O terceiro link remete para uma breve seleção de seus poemas. Por fim, o último link está direcionado à interessantíssima entrevista concedida por Mia a Marco Luchesi em *Comunità Italiana*, publicação brasileira destinada não só à comunidade italiana no Brasil, como também àqueles que, como eu, apreciam a cultura italiana em geral.

Com vocês, Mia Lecomte...



Apresentação

Sou literalmente “aparentada” à poesia graças a meu pai, Yves, poeta francês que está há quarenta anos na Itália. Desde muito pequena, passava horas em sua companhia, a desenhar, em um silêncio religioso, deitada de bruços no chão, enquanto ele trabalhava em sua escrivaninha. Assim, mal comprei os meus primeiros materiais escolares, também comecei a escrever pequenos poemas, rigorosamente rimados, à guisa de comentário sobre as histórias que desenhava. Depois, à medida que crescia, meu pai começou a envolver-me nas traduções de seus textos, do francês para o italiano. A proximidade afetiva e espiritual tornava-me, aos seus olhos, a pessoa mais indicada para ajudá-lo a reencontrar-se em um idioma que era mais meu do que dele. Assim, cresci dentro da nossa oficina poética, com toda a simplicidade, na prensa humilde da afetividade cotidiana e obtive uma concepção artística e moralmente artesanal do fazer poético, distante dos púlpitos declamatórios e da academia.

Cheguei à minha própria literatura a partir de um trabalho de tradução, ou, melhor dizendo, de transição, rigorosamente sentimental, de uma cultura para outra, de um idioma para outro. Tudo isto, e o que se seguiu, contribuiu para a sustentação e confirmação de uma geografia própria: uma francesa, sim, mas nascida em Milão — onde passei uma parte da minha infância, que cresceu em Svizerra e, posteriormente, retornou à Itália para cursar a universidade, e depois acabou por instalar-se de modo relativamente estável por amor e pela família, primeiramente em Florença e, então, em Roma.

A anomalia, primeiramente lingüística, desse percurso em equilíbrio, estruturou-me, para todos os efeitos, como uma estrangeira italófona, posição, sobretudo, incomoda no relacionamento com os nativos, uma vez que, ao mesmo tempo em que não se pode individualizar como estrangeira, também não consegue se integrar a nenhuma categoria autóctone. Um perfil aparentemente reconhecível, em suma, que, no entanto, projeta uma sombra imprevisível, de contornos bizarros. A minha poesia — mas também a narrativa, o teatro, os textos infantis—é, portanto, fruto de um traçado oculto, de um contrabando de conteúdos, e, também, de formas, de um não-sei-onde a outro, através da experimentação.

Quando eu me inscrevi na Faculdade de Letras, na Itália, alguns professores universitários subitamente fizeram-me perceber que na minha redação expositiva havia algo de estranho. Primeiramente, porque, apesar de francesa, não domino o francês como uma falante nativa — falo, leio e escrevo em francês, mas não com a fluidez de quem o vivencia; e tenho um sotaque neutro — portanto, na minha poesia e na minha prosa em italiano persiste indubitavelmente um elemento que se torna estranho, uma intrusão do tipo essencialmente musical.

Também isso, em um significado mais amplo, é um argumento importante para mim. Venho de uma família de musicistas, e em nossa casa a música sempre teve um papel fundamental. Eu mesma toco guitarra e cheguei a cantar profissionalmente e também tenho um irmão compositor, que vive nos EUA

há muitos anos. Além das letras sonoras, a tessitura da minha jornada sempre esteve impregnada de notas próprias e verdadeiras. Talvez até seja uma musicista mal-sucedida e tenha chegado à literatura porque meu destino já estava traçado nessa direção. Na família, os papéis eram rigorosamente distribuídos e a minha inspiração poética é sem dúvida mais musical que visual, ou conceitual. Tanto que sou obrigada a exercitar continuamente um férreo controle métrico, para evitar cair em certos preciosismos harmônicos excessivos.

De tudo quanto disse, pode-se deduzir que não posso ser considerada uma estudiosa no sentido puramente acadêmico. Tenho uma formação universitária comparatística, mas sou, ou pelo menos me sinto assim, uma escritora, uma poetisa, ou, mais genericamente, uma artista, cuja abordagem da matéria da qual se ocupa científica e editorialmente, a assim denominada “literatura de migração”, é muito pouco técnica e também teórica; sou a artífice, ainda que involuntária, de um percurso crítico escolhido, na realidade, por razões congênitas, biológicas.

Terminada a universidade, decidi, com um amigo fotógrafo americano, iniciar uma investigação sobre os lugares da poesia italiana, isto é, de encontrar poetas italianos contemporâneos e oferecer aos leitores uma panorâmica da literatura italiana de três gerações. Uma vez mais, esta é uma justificativa autobiográfica: habituada aos meus espaços, à minha casa, habitados pela poesia; a um certo ponto, senti a exigência de uma peregrinação pelos lugares poéticos dos outros. O livro foi publicado com sucesso, no entanto, deixou-me um gosto amargo, uma solitária sensação de culpa. Não estava convicta de alguma escolha feita dentro da última geração poética, escolha obrigatória, como sempre ocorre nas antologias por motivos editoriais.

Nesse ínterim, havia empreendido outros estudos, tinha aprofundado outras problemáticas, e, com Francesco Stella, diretor da publicação semestral de poesia comparada “Semicerchio”, da qual sou redatora, comecei a pensar em enfrentar uma nova viagem, desta vez mais radica e corajosa, de uma outra poesia. Uma poesia que tivesse uma razão de ser, uma necessidade absoluta, que estivesse fora dos circuitos acadêmicos, das lógicas editoriais, dos críticos e dos débitos recíprocos. Não mais auto-referencial e pseudovanguardista, mas, acima de tudo, generosa e realmente inovadora.

Corria o ano de 1997 quando começamos a buscar os primeiros poetas da migração em italiano. Além de qualquer discurso social ou político concernente à imigração, buscávamos exclusivamente poesia de qualidade, ou melhor, poesia tout court, porque a qualidade está implícita, a poesia não pode ser nem bela nem bruta: ou é poesia ou não é nada.

Naquela época, a narrativa de migração já havia sido estudada e, em parte, publicada, mas de poesia se falava muito pouco. À exceção da pesquisa pioneira de Armando Gnisci, comparatista da Universidade La Sapienza, de Roma, e principal estudioso do assunto, era tudo muito confuso e vago.

De 1998 a 2000, vieram à luz os primeiros cinco cadernos antológicos da série “ Cittadini della poesia”, divididos por área geográfica, apresentando quatro ou cinco poetas e com um duplo prefácio: um deles escrito por um intelectual culturalmente ligado à área em exame, o outro escrito por um poeta italiano. Em 2003, com a transferência da série para outra editora, Zone di Roma, os volumes tornaram-se monográficos e um novo rumo foi dado com a publicação de duas coletâneas brasileiras: Se fosse vera la notte, de Heleno Oliveira e a reproposta de Ipotesi, a poesia “italiana” de Murilo Mendes, organizada por Luciana Stegagno Picchio, que apresentei em Juiz de Fora, na fundação que recebeu o nome do poeta.

Em pouco mais de dez anos, no nível qualitativo, houve uma evolução rapidíssima – sem esquece o fato de que a literatura de migração itálofona é um fenômeno muito jovem, e que o italiano, por conta de um passado colonial irrelevante, é para esses escritores uma língua de aquisição recentíssima, e, agora, esta corrente inserida na literatura italiana pode vangloriar-se de autores de grande interesse.

O que, repentinamente, distinguiu esta nova literatura, esta nova poesia, foi uma substância ética fortíssima. É uma literatura carregada de conteúdo, na qual a presença do homem é central. Refiro-me à sua presença real, física e espiritual. Carne e sentimento, energia da vida e da palavra. É uma poesia profundamente consciente do homem, representativa do seu universo ético. E de um homem real, com

todas as benditas imperfeições que o distinguem, vitalmente, de todas as experiências de laboratório, da engenharia genética.

Enfrentei muitas vezes, teoricamente, com o meu costumeiro veio crítico "emocional", os muitos aspectos – históricos, contedúísticos, estilísticos, e também éticos, concernentes a uma moralidade intrínseca de forma e conteúdo - da literatura de migração italo-fona, que definirei simplesmente como a nossa literatura do futuro, um futuro de contaminação e mestiçagem que, querendo-se ou não, finalmente não se poderá subtrair. Mas queria aqui abrir um parêntese sobre a questão propriamente editorial.

Quando, no início dos anos noventa, surgiu na Itália o fenômeno da literatura de migração, os primeiros livros, escritos a quatro mãos por autores estrangeiros e um trâmite lingüístico italiano, foram rapidamente publicados pelas editoras mais importantes. Depois, provavelmente na falta de uma resposta comercial adequada, o interesse desapareceu e essas editoras foram substituídas por editoras menores; em alguns casos, realmente interessadas no fenômeno, mas com enormes problemas de visibilidade e distribuição; em outros, editoras desonestas, que buscavam exclusivamente desfrutar do aspecto social e político da migração no sentido econômico, indiferentes aos interesses dos autores e à qualidade de sua escrita.

Graças aos bem intencionados, o percurso foi feito e se verificou um crescimento qualitativo, passível de monitoração. Mas, de tal crescimento, o grande público não teve notícia, nem mesmo a crítica oficial, mas apenas os aficionados ao assunto. Portanto, agora que as grandes editoras parecem ter recomeçado, depois de quase quinze anos, a interessar-se por essa literatura, buscam fazê-lo com os critérios dos anos noventa - histórias da imigração, memorialismo, um certo exotismo, movendo-se às cegas em um universo desconhecido; totalmente alheia à real produção literária, à modernidade estrutural e estilística dos autores crescidos à sombra. A solução seria dar visibilidade às editoras que, ao longo dos anos, acompanharam passo a passo os autores migrantes. Mas não se trata de um projeto comercialmente fácil de se realizar.

Uma alternativa válida seria aquela da editoração on-line, que para alguns parece ser a mais adequada a esse gênero de literatura pela sua multiplicidade de percursos, ainda que na Itália se trate ainda de um discurso tecnicamente distante. A circulação maciçamente virtual dos textos permitiria, sobretudo, que alcançasse os críticos, estudiosos e simplesmente leitores estrangeiros, mais receptivos e interessados.

A Itália, como a Alemanha, é, de fato, fortemente monocultural, mas ainda não desenvolveu plenamente os estudos interculturais, como o que ocorreu com os países com uma longa e consolidada experiência do fenômeno migratório. São, portanto, os departamentos de italianística das universidades estrangeiras, anglo-americanas em particular, que nos concedem uma visão atualizada do assunto, que não lhes diz respeito diretamente.

Por exemplo, acabo de organizar uma antologia, que será publicada nos EUA, com a colaboração de Luigi Bonaffini, do Brooklin College, intitulada *A Bilingual Anthology of Italian Migrant Poetry*. Essa antologia contém textos de dezoito poetas da migração em italiano, cada um apresentado com um ficha bio-bibliográfica detalhada e uma breve apresentação.

Mas, na Itália, algo começa também a acontecer no nível institucional: para a 1ª. Semana da Língua Italiana, convidaram-me a organizar, para o Ministério do Exterior, uma série de encontros no Instituto de Cultura Italiana de Nova York e São Paulo, que suscitaram muito interesse; e também na sede do Campidoglio, em Roma, outros encontros com escritores migrantes foram realizados, nos meses de novembro e dezembro, por Armando Gnisci, em colaboração com a Universidade La Sapienza. E, além disso, na imprensa parece estar havendo um interesse mais consciente, que se espera vir a ser um estímulo para os editores no sentido de um trabalho sério e de qualidade.

Para concluir, gostaria de acrescentar um pensamento, um desejo estritamente pessoal. Depois de anos de estudo e pesquisa, e laços com tantos novos amigos escritores, cheguei à conclusão de que, o estado atual é indispensável que haja um "avizinhamento" colaborativo entre autores de língua italiana e

italófonos para um recíproco e fértil sustento. Fundamental aos primeiros para redescobrir a língua italiana, libera-la do barroquismo e dos artifícios intelectuais e restituir-la à vida do espírito. Aos segundos é fundamental para uma colaboração consciente e inteligente do ponto e vista estritamente lingüístico, considerada, como disse, em muitos casos, a recente conversão. Penso que a contribuição fundamental que podemos dar a essa literatura é um trabalho de assistência mútua, dentro e fora das editoras, para procurar um modo de encontrar, para ela, uma colocação, o espaço que lhe é correspondente, para que faça eco em toda a sua potência, para que possa aclimatar-se, posicionar-se na literatura italiana. Porque o problema não é mais aquele de defini-la corretamente, mas de redefinir a história da literatura deste país, de modo que esteja disposta a acolhê-la. Para que, por exemplo, para limitar-nos à poesia, o albanês Gezim Hajdari, o bósnio Bozidar Stanisic, o holandês Arnold de Vos possam conviver com um Valerio Magrelli, ou um Maurizio Cucchi. Enfim, do meu ponto de vista, esses dois universos já não podem ignorar-se, não só para não incorrer o risco da “guetização”, mas per esconjurar o conseqüente empobrecimento de ambos.

Em suma, ainda uma vez, aquela associação simples, muito importante, da minha infância, no coração pulsante dos lugares da cidade, revela-se por meio de uma literatura aparentada de uma cidadania literária comum.

Essay on Migration Literature

Preface to A Bilingual Anthology of Italian Migrant Poetry

In Italy the birth of the so-called “literature of migration,” namely the one produced by foreign writers present for various reasons in the country who use Italian for literary expression, can be dated to the beginning of the nineties. Presently it is possible to identify a few phases that start with the first works which are substantially a testimony of the experience of immigration, written in a cursory Italian, often with the help of native authors, and finally yield works of considerable complexity in language and subject matter. The autobiographical narrative and the memoir have given way to the escapist novel and more experimental fiction and, as it has happened in a similarly monocultural country like Germany, soon we will have fantasy, noir, and sci-fi literature.

The evolution of poetry has been slower and more uneven, its development more complex and, with a few exceptions, only now some true poets are coming to the fore, with a well-defined voice and the capacity and quality to last.

When we speak of literature of migration we adopt a definition borrowed from English, useful for understanding one another, but which in reality downplays the complexity of the phenomenon. Many others could be employed — literature of hybridization, global or worldwide — each equally valid and equally limiting. It is very difficult to label the shared word that has its origin in migration, it is only possible with cross and deeply intercultural definitions that yet belong to us only in a small measure. Somehow we need to understand each other, and in the past definitions have been necessary to protect this literary phenomenon and allow it to gain some space of its own. Today it is above all publishers who need to forget labels, both the small, courageous ones that through the years have provided a sort of monitoring, but the big ones also, which must now assume their responsibility and really become representative of the cultural reality of the country. The literature of migration is a long way from being considered a sub-genre, and maybe be even a genre. It has a particular connotation, that is migration, which unites all writers in a plural identity which makes them similar and dissimilar at the same time, unique in the constantly different alchemy that characterizes them. It occupies more and more a place of primary importance, destined to grow as does the quality of a writing with a strong ethical underpinning, rich with stories and events and linguistically innovative. So important that I believe the time has now come to stop thinking by categories and instead work out together a redefinition of its acceptance. It is necessary, that is, to redraw as soon as possible the critical parameters with which Italian literature itself has been judged and classified until now, since through other literatures inoculated in its language it is now forced to seriously rethink its very reason for being, its own destiny. But it must be an assimilating process which all the same takes into accounts the differences. To forget those human, and therefore literary, characteristics that only migration confers and guarantees is an impoverishment that loses sight of a question of capital importance affecting the future of all literatures, and not only that. It buries a course of evolution and identity the signs of which become impossible to trace, and won't let us understand where Italian literature, after English, French, and German literatures, is headed in its Italophone evolution, far and free from any postcolonial impulse, but the result, if anything, of a very recent and uneven apprenticeship as “citizens of the world.”

Of course to define oneself a “citizen of the world,” one needs first of all to come to terms with what may still be considered the world: Thales's disc resting on water, the undiscussed dominion of Roma caput, the specular image of Dante's otherworldly construction, a field of crusades, Columbus's globe, the matter of the first sciences, the hither of Leopardi's infinite, a tireless forge of evolution and progress, the checkerboard for the partition of colonies and slaves, the place for the realization of great utopias, the object of empire for the new economic powers...

The world today is something with uncertain spatial and temporal boundaries, that an immense mass of precarious individuals traverses driven by need, by wants of all kind, especially primary and vital ones,

but also by the ones more sophisticated and privileged. Globalization is nothing more than the reassuring name given to a phenomenon whose significance is still partly being ignored, even if it is disquieting; it is the label with which the ongoing explosive process of the known universe is defined and formalized, an enlightened and advanced way to greet the apocalypse.

The writers, the poets and first of all, in terms of experience, migrant writers and poets, know that they cannot consider themselves citizens of a world, their world, that constantly ceases to exist; and now more than ever they recognize as their chosen country only literature, and as the only passport still valid the one that identifies them and represents them as “citizens of literature.”

Writing, fiction and poetry, is a “doing,” which means above all trying to build one’s own place, one’s own house, a somewhat similar universe in which to find a reason for being. This is all the more true for migrant writers and poets, who have a more direct personal experience of “doing” and “suffering”. For this reason they “know,” in a more real and painful manner than any native author, that the worlds which with him and through him come together are not those which they have crossed and in which they have settled, but the inner place of their own unvaried estrangement towards the external world, and the outer place of an always possible and always contradicted integration. It is an existential estrangement, I repeat, known to every writer, and particularly to poets — that *ostranie* that *Iosif Brodskij* considers indispensable for any artistic product — but experienced and suffered by the migrant writer every day, with more conscious, I would say paradigmatic, consequences.

Not that the condition of “migrant” adds to or takes anything away from that of “writer.” If anything, the opposite is true, namely it is the meaning of “writer” that adds to or takes away something away from the status of migrant. In other words, one can certainly be a migrant without being a writer — and this should be remembered, so as not to judge in such a negative way so much bad literature of migration — but one cannot absolutely be a writer without being a migrant. For this reason even the most local of writers from the province, who knows and speaks only his own minority dialect, must necessarily be, if he is really a writer, radically and inevitably a migrant. He should be recognized, rather, as a “motionless” traveler.

What then characterizes migrant writing, beyond the language it uses? The multiple identity of which it is composed, the stratification of destinies and future projects that guides its voice. An ever-changing formula that allows it to be different every moment, a stranger to itself, in a constant renewal of its own volatile essence.

Migrant writers have very distinct individualities, each an expression of an absolutely unique and unrepeatable chemistry, the result of a personal and composite biological and cultural adventure that in the difference unites stories and destinies. The cause and effect simultaneously of an inner and outer de-territorialization which is extraordinarily fertile.

The main characteristic that emerges from this new poetry in Italian that we are attempting to present — and that in a certain sense guarantees its necessity, its existence as poetry — is first of all the high degree of ethical content it carries, rooted in history. What is immediately striking about migrant literature, regardless of the geographic identity of the writers is its “necessity,” a carnal bond in the true sense of the word, where meanings have the force of true experience. Its strength derives from the twofold components of migration: pain and a deep hope for rebirth that lend an almost physical power to the act of writing.

In my opinion pain, in fact, is the key for understanding the ethical substance of migrant narrative and poetry, a literature that is engendered by pain — pain of leaving, of abandonment, of loss, of solitude, of estrangement, of diversity, of distance — and that knowingly feeds on pain in order to create words that are the children and allies of pain, and endlessly echo it. But pain is also and above all hope, perceptible as a regenerating vitality, an energy of words, logos of man’s animality, in all its sublimated materiality.

What identifies migrant poetry is still the linguistic element, which is at the core of the question of identity. Next to the hegemonic language, or if one prefers the language of globalization, which English certainly is, as it becomes more and more a basic language of communication thanks to the new technologies

that bring together geographically and culturally distant worlds, two other languages are emerging: the mother tongue, that thanks to a larger circulation of information becomes more widespread, and the so-called neutral language, of the “heart,” a language chosen freely and “emotionally” to communicate one’s innermost being. It is the language that the migrant writer necessarily finds in the various stations of his migratory pilgrimage and at the same time decides autonomously to adopt in order to express his inner world. A language, then, which is imposed and elected at the same time

Abandoning one’s mother tongue is always a very suffered decision, a break with one’s past — one’s origins, one’s personal history, one’s country, understood geographically and as inner space — that some decide never to make.

This is a complex choice, because mastering a foreign language, especially for writers, entails a long journey, with a more or less broad transit zone that linguists call “double incompetence,” lost between the echo of the familiar idiom, fading every day, and the vital impulses of a language that resists possession.

A language is substantially a system of values, and making it one’s own entails of necessity a sharing. There are thus no doubt differences between a literature that uses a language chosen freely, and one in a language somehow imposed by circumstances. The second case can reserve some welcome surprises, like many “arranged marriages,” but it is in the first that in my opinion the best, or at least more intense, results are to be found, precisely for that component of freedom — linguistic, thematic, moral — which guarantees a substance and power otherwise unattainable.

It is this difference that, in its uniqueness, lends such importance to the case of literature in Italian, a language without a significant colonial past that would place it among post-colonial literatures, with which it shares many stylistic traits, however. It is a language chosen beyond any implicit or explicit imposition, which is conquered and made one’s own with more difficulty, more slowly and laboriously, and for this very reason renewed more radically. These are almost imperceptible modifications — the first effects are being felt only now — that go hand in hand with the uninhibited mastery of the spoken language, but that act under the surface, viscerally eroding the foundations of a construction which is only apparently intact, in an equilibrium of forces illusorily autonomous and definitive. It is a characteristic of Italian, in fact, the very epitome of a high literary language, to be contaminated, impure, dialectal as well, to be characterized by a twofold impetus, conservative and subversive, inherent to its history. Italy has always searched for a unitary language, periodically questioned and debated, and today, in a situation of political and cultural stagnation, in which Italian is strongly influenced by the language of advertising and the media, in a linguistic and literary homogenization which tests the very existence of poetry, this very language of migration, timely and naturally revolutionary, vital, holds the promise to restore Italian to its true richness.

From a strictly linguistic point of view migration, whether voluntary or necessary, entails a long journey across all the senses of a language, and in certain cases to expatriate is the means to come into contact with all the aspects of language/existence. It is the relationship between mother tongue and adopted language that guarantees the quality of the third language, the literary one, and the uncertainty of words must be grounded in one’s human and cultural, poetic, subjectivity. It is a painful road marked by scars, but which for this very reason guarantees the authenticity of poetry.

When in 1997, with the collaboration of Francesco Stella, I began to publish the first migrant poets in the series “Cittadini della poesia” — before then only a few early anthologies had come out which contained both narrative and poetry — the topic was still relatively new, with the exceptions of the critical studies done by Armando Gnisci, a pioneer and principal student of the phenomenon. Despite the fact that there were narrators capable of going beyond the strictly documentary aspect of the first works, there was still no mention of poets, with all that poetry entails.

A lot of progress has been made in a few years, and migrant writers and poets are reconfiguring the monolithic structure of Italy’s national literature. One can speak of a real movement that has blossomed around the phenomenon, with all its diatribes and contradictions.

It is necessary at this point to compare migrant writers and native writers — the immobile travelers — an artistic cross-collaboration under the aegis of contamination and heterogeneity. Indispensable to the former, on the one hand, in order to free the exhausted, self-referential language of poetry from its baroque and hermetic excesses and from the experiments of a certain avant-garde, now in rear guard; and to the latter so that they can be accompanied in the refining of their linguistic instrument without risking a flattening and impoverishment of the poetic language.

The poets anthologized herein are those who in recent years have worked toward the Italoophone redefinition of a single, unified literature and its values. As previously mentioned, their poetic individuality, regardless of geographic origin, is the product of their “plural identities,” composite in different proportions, which produce different thematic and especially stylistic results.

The common adoption of the free verse, for instance, is deeply influenced by the poetic tradition of the countries of origin, often rooted in orality, and it grafts its rhythms and harmonies onto the Italian verses, creating sound patterns that redirect the metric perception toward an auditory experience.

These are authors who deserve to be read for what distinguishes them individually as poets, beyond what they might have in common as migrant writers, although they inevitably share many stylistic and thematic traits, even though that part of Italian literature which is poetry of migration continues to indicate and guarantee, on the flip side, the common peculiarities mentioned before. It is a question of listening to the single voices without missing the choral harmony, of appreciating every single sound with an ear to the combinatory possibilities that enrich the global musical symmetry.

A poesia de Mia Lecomte



1.

Pai, ensina-me a amar
apenas o que posso amar,
um desejo sem punhos cerrados
mas com dedos entreabertos
para deixar escorrer o mundo.

Neste dia ciumento
dá-me a força de ter
sem poder jamais ter
e de perdoar o presente
como se ele ainda não o fosse.

Recorda-me que não sou ninguém
e que nada sou
e que se creio na vida
é porque assim tu o fazes.

Ajuda-me a ouvir sem temores novos
o lamento da vida que não me pertence
o silêncio incessante e discreto
do teu amor, desde sempre e para sempre.

2. Dominó

Combinar deuses e homens
não é este o jogo
entretanto

é entre homens e homens
que depois excede a carne
somada

é entre os homens e a alma
que se oculta a carne
subtraída

é entre almas
que permanece a carne
zerada

3. Escritura

E o verbo se fez carne
fez-se o verbo carne leve
lugar coração
cavos os olhos
mãos apenas
aquele refluxo nas águas
E o verbo se desfez na carne
desfez-se o verbo pesado
laço lugar
olhos mãos
águas paradas, amar águas.

4. Eclipse

Instalou-se um silêncio gradual
rito convexo
de obscura paciência
estrábica ligada
a uma noite côncava

Instalou-se
ou apenas aconteceu
uma lira sem cordas
que mimou o nosso instante.

5. Bifocal

As tuas lentes lado a lado
a refletir
um degelo após outro
dentro de mim
Lente côncava
a destra
para implodir-me em cristais
passarinhos modelados neve a neve
em estilhaços agudos.

É convexa a esquerda
para explodir-me ao mesmo tempo
sem pressa espalhar
a paciência da geleira
de era em era.

- [Entrevista](#)